Modos de Ler e Escrever na Blogosfera: as Visões dos Novos Artistas Das Letras[1]

Sidney Vicente de ANDRADE[2]
Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO[3]
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

Na era da informação colaborativa, a blogosfera se converteu num espaço democrático que tem gerado mutações significativas no processo de escrita e de leitura dos internautas. Com o intuito de verificar a relação estabelecida entre os escritores, o espaço virtual e o campo literário, este texto, derivado de uma pesquisa em andamento, expõe uma análise de conteúdo das respostas dos catorze sujeitos que compõem o universo do estudo e que divulgam suas produções em blogs. A coleta de dados foi viabilizada por intermédio de entrevistas estruturadas com os escritores-blogueiros que possuem obras literárias publicadas no mercado editorial e com aqueles que ainda não publicaram seus trabalhos.

PALAVRAS-CHAVE: blogs; literatura; internet; escritores.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de delinear o comportamento dos novos escritores diante do uso de seus blogs, assim como verificar quais aspectos caracterizam a produção de Literatura na internet, para tornar observável a influência que a grande rede exerce sobre este campo artístico, desenvolvemos pesquisa sobre a temática. Como a coleta de dados já foi realizada, neste texto descrevemos o modo pelo qual a produção apresentada nos blogs literários toma corpo na era da informação colaborativa.

Para viabilizar tal observação do fenômeno, nos utilizamos do procedimento de pesquisa correlacional, intentando identificar situações que se desenvolveram espontaneamente, analisando-as como se estivessem submetidas a controles, para, com isso, chegarmos a conclusões de causa e efeito (GIL, 2006). Tomamos por universo de estudo um grupo formado por catorze escritores iniciantes que fazem uso da ferramenta blog para a disseminação de seu trabalho literário. Dois tipos de perfis nos pareceram convenientes para os objetivos da pesquisa. No primeiro estão escritores novos com livros lançados de forma independente, que viram no blog um meio para a divulgação

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, do Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Estudante de Graduação do 8º. semestre do Curso de Comunicação Social da UEPB, email: sidneyandrade23@hotmail.com
[3] Orientadora do trabalho. Professora-titular do Departamento de Comunicação Social da UEPB, Doutora em Educação pela UFPB, email: rnadia@terra.com.br

de suas obras. Estes sujeitos estão aqui categorizados como Tipo 1. O segundo perfil contempla aqueles blogueiros que produzem literatura na internet sem possuir ainda uma obra impressa publicada, adotando seus sites como meios de inserção no contexto da produção literária. Este grupo está aqui classificado como Tipo 2. Os dados foram tratados qualitativamente, com base no método de análise de conteúdo, tendo sido obtidos através de dois tipos de entrevista estruturada, um para cada grupo de sujeitos, com questões abertas (sete para o Tipo 1 e oito para o Tipo 2).

1 Instâncias de análise

Com a aplicação do instrumento questionário, buscamos uma aproximação com a realidade de escrita real/virtual dos 14 colaboradores desta pesquisa. Daí é possível apreender, a princípio, duas formas de comportamento. A primeira é a postura dos sujeitos enquanto *escritores*, isto é, a forma como tratam o assunto Literatura de modo geral e seu posicionamento enquanto pessoas que se reconhecem como participantes de um processo de escrita literária. As questões das entrevistas que revelam esta primeira instância nos dão base para analisar esse tipo de postura à luz de três fatores: o tipo de leitura dos novos escritores, a relação que eles têm com o papel – com a forma impressa de publicação –, e a noção que apresentam quanto à contribuição que a blogosfera traz para o campo da Literatura.

A segunda postura perceptível concerne aos colaboradores enquanto *escritores-blogueiros*, a saber, aqueles que se identificam com o processo de produção literária e expõem o seu trabalho e a si mesmos na grande rede, através de blogs. Fazemos uma ressalva aqui para esclarecer que esta distinção ora se configura em oposição aos novos escritores contemporâneos que, seja por quais motivos, não se utilizam do blog para divulgação – o que não significa, necessariamente, que estes não utilizem a internet como meio de disseminação de seu trabalho. Observam-se nas respostas quatro fatores que nos revelam o modo como se dá este tipo de postura: a motivação para criar um blog, o valor dado à interação proporcionada pela blogosfera, a metodologia de atualização dos sites – frequência, organização –, e a noção de reconhecimento público obtido através dos blogs.

2 A postura dos artistas blogueiros enquanto *escritores*

A dinâmica da informação é alterada com o surgimento das mídias participativas trazidas pela internet, o que nos permite dizer que, em rede, a lógica dos mass-media se

dissolve, dando espaço para um engajamento mais concreto de todos os sujeitos nos processos comunicativos. Com a arte, então, ocorre que este multidirecionamento aponta para a colaboração do espectador no processo criativo e de elaboração de obras, o que acarreta uma dificuldade de distinção entre autores e apreciadores. Isso porque essa tendência está focada mais no processo de criação do que no produto em si, num fluxo de interações que deixam bem evidentes, ao contrário de épocas anteriores, às tecnologias participativas, os três momentos da comunicação artística: a emissão, a transmissão e a recepção, ficando a participação do receptor cada vez mais significativa (PLAZA, 1990).

2.1 O escritor da era virtual e sua relação com o papel

Essa relação está denunciada quando perguntado aos colaboradores sobre a discussão de um provável desaparecimento do papel, sendo ele totalmente substituído pelo modo de publicação virtual. De maneira geral, os escritores de ambos os tipos se mostram resistentes à possibilidade de uma total substituição da escrita tradicional. Não raro observamos a utilização de metáforas ou de exemplos do passado para justificar que a previsão de uma iminente extinção do papel é, por assim dizer, drástica demais. "A internet é sem dúvida uma bomba explodindo, mas ela não bombardeia a ponto de fazer com que a essência inefável adquirida nos livros se perca" (Samelly Xavier, Tipo 1).

Lembremos das considerações de Moriconi (2005) ao tratar dos três circuitos nos quais a Literatura atualmente se desenvolve, devido às novas práticas de comunicação e os novos meios de publicação. Se, por um lado, temos no Circuito Crítico a existência de uma preocupação acadêmica em preservar o objeto livro enquanto artefato histórico-cultural, do outro vemos o Circuito Midiático estabelecendo o mercado editorial como nicho lucrativo. Por estas duas vias, compreende-se a resistência por parte dos sujeitos quanto à questão. O desaparecimento do modo impresso de publicação significaria, necessariamente, o fim de uma indústria que faz parte do processo capitalista e a extinção da obra literária enquanto documento revelador de uma época e de um "estado de espírito", inerentes a um conjunto social.

Contudo, a resistência verificada não se dá sem alguma ponderação, principalmente por parte dos escritores que já têm livro publicado (Tipo 1), que acham importante levar em conta o caráter utilitário das formas de publicação virtuais, até porque seria ingênuo desconsiderar o que se observa diariamente em termos de novas

práticas culturais. Nesses casos, é interessante perceber que há um embate entre forças dos sujeitos, no qual acaba sendo mais influente o escritor que preza pela tradição de estar em papel-e-tinta, sobre o sujeito cidadão posmoderno, ao reconhecer que o papel-e-tinta pode se tornar obsoleto.

Aliás, a valorização do livro impresso enquanto símbolo de perenidade da escrita ainda é muito recorrente. Dos catorze colaboradores pesquisados, apenas dois aceitaram com aparente tranquilidade a "previsão" sobre a substituição dos modos de publicação no futuro. Segundo a maioria, o livro impresso tem um "charme", trata-se de um tesouro, cuja leitura é mais do que um hábito, torna-se um ritual. Além do mais, a concepção geral é de que publicar um livro impresso significa a realização pessoal e profissional de se inserir em um padrão culturalmente já estabelecido e consolidado, num processo em que – aponta Viegas (2005) – o reconhecimento se dá a partir do trabalho executado por várias pessoas, desde a concepção da ideia até o produto chegar à livraria, sem esquecer ainda da fase de escolha e esforço (físico e financeiro) por parte do leitor que opta por determinada obra.

Também como fator determinante figura a concepção estética do que é Literatura, sendo a forma impressa em papel sua manifestação originária e, por isso, fiel aos propósitos dos escritores, dotada de uma permanência que o virtual aparentemente não garante (VIEGAS, 2005). Logo, aceitar que o papel será substituído pelas telas eletrônicas significaria aceitar que a Literatura enquanto Arte da palavra escrita perdesse suas raízes.

Pelo fato de a leitura impressa estar tão culturalmente arraigada nos escritores, o virtual literário – e não apenas o literário – figura mais como forma provisória, pois atrelado a ele está uma sensação de desconfiança. Os meios eletrônicos de publicação possuem um caráter perecível, provisório, (e são, segundo a maioria, "potencialmente falíveis") que a escrita em papel não apresenta.

2.2 O tipo de leitura privilegiada pelo novo escritor

A partir da relação com o papel apresentada pelos escritores colaboradores, não é difícil concluir que o tipo de leitura por eles privilegiada seja a do livro impresso. De fato, onze afirmaram categoricamente ter no livro sua forma de leitura mais influenciadora, a despeito da leitura de blogs ou de outros aparelhos do gênero. Dois deles relativizaram para admitir a leitura impressa como principal, e apenas um afirmou

ser mais influenciado por leituras virtuais. O principal problema com esse tipo de leitura é o desconforto visual, o que não permite que o processo seja delongado.

Com um caráter mais imediatista, ou mesmo "apressado", a leitura na tela é vista apenas como uma tarefa transitória, havendo mais oportunidade para o deleite na "calma do papel". "Não troco meus preciosos livros por leituras fragmentárias do mundo virtual. Livro é livro. Blog é blog." (Bruno Gaudêncio, Tipo 1). Nesta afirmação, e em mais algumas respostas, também está implícito que a qualidade literária só pode ser encontrada no livro físico, que deu origem a esta forma de arte. O que nos levaria a questionar, então: seria a Literatura não a arte da palavra escrita, como aponta Moisés (2003), mas a arte da palavra escrita *em papel*?

O ritual do texto impresso também é um fator determinante para a escolha da leitura que mais influencia a obra dos novos escritores: "O princípio do escritor em formação é que ele dever ser, antes de tudo, um bom leitor – e não leitor de qualquer texto, mas daqueles textos que colaborem para sua formação." (Tiago Lia Fook, Tipo 1). Disso podemos inferir, então, que leitor proficiente é leitor de livros, sendo a leitura de blogs não necessariamente edificante, surgindo como meio de chegar a outros escritores e conquistar mais leitores. Nas palavras de Samelly Xavier (Tipo 1): "então a virtual acaba tendo o caráter mais de 'trocar figurinhas' (tu me lês – que eu te leio) do que de influenciar". Logo, aponta-se que a única possível vantagem de um blog sobre o livro é o fato de o autor não estar acessível no papel, mas "estar presente" na tela do computador.

A supervalorização do livro em papel e da leitura enquanto hábito está historicamente enraizada. Desde Gutemberg, o livro vem se modificando a fim de transformar o ato de ler em algo prazeroso e sedutor, num processo de engendramento cultural a longo prazo, em meio ao predomínio da oralidade. Logo a escrita tornou-se valorizada em círculos letrados, a despeito dos núcleos menos favorecidos e, por isso, menos esclarecidos. O livro era objeto raro e, pelo seu valor intelectual, cultuado, lido e relido. Com o tempo, a indústria editorial passou a se empenhar em distribuir cada vez mais a palavra escrita, aliada, é claro, ao progressivo aumento da parcela alfabetizada da população, processo incentivado pelo barateamento do papel. A ampliação do contato com o livro, que nunca perdeu seu encanto de preciosidade, despertou o interesse das pessoas em procurar o isolamento e a leitura silenciosa na sua busca pelo saber (EL FAR, 2006).

Portanto, o livro, que nasceu raro, mantém sua aura até hoje. Em contrapartida, a leitura virtual e os aparelhos leitores eletrônicos surgiram num contexto em que a produção em larga escala é parte constitutiva dos processos econômico, social e cultural. Não sendo em nada rara, a leitura na tela do computador dificilmente atingirá o mesmo status valorizado que o objeto livro ganhou ao longo dos séculos. O frágil estágio de embrião em que se encontra a nova forma de leitura faz com que os sujeitos que dela se aproximam ainda se esforcem para fomentar um hábito real.

2.3 A noção de contribuição dos blogs para o campo literário

Os depoimentos dos sujeitos colaboradores nos revelam, em um primeiro momento, que a blogosfera é tida como um ambiente bastante favorável para alcançar não apenas o leitor desconhecido, como também para estabelecer contato entre outros sujeitos escritores que se encontram na mesma busca, tornando o blog, consequentemente, uma extensão das relações profissionais e, além disso, servindo como meio de proporcionar uma identificação entre os escritores contemporâneos estreantes. "E como a divulgação é maior, é mais fácil saber o que de bom está sendo feito pelo país ou mundo, com maior interação entre os escritores, com mais crítica" (Joedson Adriano, Tipo 1).

Mais recorrente entre os escritores do Tipo 1, está a noção de que, por meio dos blogs, a discussão sobre o campo literário tem mais fôlego. Curiosamente, neste caso, a instantaneidade e versatilidade dos meios virtuais, que antes figuravam como vilãs no que diz respeito ao tipo de leitura mais influenciadora, tornam-se agora razões positivas, e as primeiras a ser consideradas para a decisão de se criar um blog literário. A esse respeito também emergem outras contribuições apontadas pelos colaboradores, a saber: a possibilidade de se publicar por vontade, independentemente de uma indústria ou de um sistema; a facilidade em disseminar o gosto pela Literatura, tanto por causa da predominância de textos curtos e rápidos, quanto pela oportunidade de associar o clássico ao moderno (disponibilização de textos escritos pelos autores já consagrados de épocas anteriores), aproximando a prática da leitura do público e democratizando, por sua vez, a Literatura.

No entanto, o que parece imperar na visão dos novos escritores, principalmente entre aqueles que já publicaram livros (Tipo 1), é o aspecto meramente instrumental do blog. Nesse caso, sendo o blog apenas um meio de divulgação, sua leitura não poderia

ser levada excessivamente a sério, uma vez que, em um ambiente no qual a quantidade parece ser norma, a qualidade do texto literário ficaria comprometida.

Plaza (1990), em contrapartida, nos diz que a interatividade propiciada pelos meios eletrônicos funciona de forma produtiva nas relações desses meios, que são apenas simulações de relações, na verdade. Desse modo, esta simulação favorece o "tornar-se autor", pelo fato conhecido de horizontalizar a relação emissão/recepção, "que transformam as funções das posturas leitoras trocando-as por novas dimensões editoriais" (PLAZA, 1990, p. 23). Aparece, nesse raciocínio, o que se chama de "lei(a)tor", sujeito com o qual o papel passivo da recepção dá lugar a uma participação ativa na emissão, o que abre um precedente ao desejo de se tornar autor/ator também. "Em pleno *cyberspace*, todo mundo é autor, ninguém é autor, todos somos produtores-consumidores; ou seja, está indo solenemente por água abaixo a velha e renitente distinção entre quem faz e quem frui" (PLAZA, 1990, p. 25).

Outra decorrência também presente nesta instância é aquilo que anteriormente já havíamos observado quanto à opção feita pelos colaboradores de privilegiar a leitura do livro impresso, atribuindo ao blog apenas um status de "vitrine", na qual se expõe algo interessante o bastante para atrair o leitor, mas não tudo o que se pode oferecer (ou o melhor que se pode oferecer), para que o leitor atraído ainda se sinta interessado em "entrar na loja", isto é, passar do blog para o livro impresso.

Ainda atrelada à metáfora da vitrine, os escritores, agora mais notadamente do Tipo 2, envolvidos pelo desejo de uma futura publicação impressa, também consideram que a blogosfera proporciona um espaço privilegiado para a descoberta de novos talentos, através da aproximação com o público leitor.

O que nos leva a acreditar que, aparentemente, os blogs literários contribuem muito mais para o escritor do que propriamente para a produção literária. "É um portfólio acessível a qualquer hora e de qualquer lugar do mundo. Uma oportunidade de divulgar sua obra a custo zero" (Jaqueline Costa, Tipo 2). E não contribui para o escritor apenas como meio de divulgação. Entre outras vantagens está o fato de um blog ser uma oportunidade de se manter sempre produtivo, tendo como incentivo a resposta recebida, as reações manifestadas pelos leitores através dos comentários ou de outros meios de interação disponíveis na internet.

Um último aspecto interessante observado foi o quesito "armazenagem" ter sido mencionado como contribuição. "Se antes o escritor jovem ia guardando os seus escritos na gaveta, hoje ele publica direto na rede mundial de computadores" (Bruno

Gaudêncio, Tipo 1). Nesse caso, o blog também teria a função parecida com a da gaveta para os escritores de antes do computador. Contudo, a "gaveta eletrônica" não parece ter conquistado ainda muita popularidade entre os escritores contemporâneos, pois como já observamos, o meio virtual é alvo de grande desconfiança e o suporte de papel mantém a sua imagem de artefato permanente e não-falível.

3 Postura dos artistas enquanto *escritores-blogueiros*

Quando o novo escritor leva seu trabalho para o blog de sua autoria, consciente ou inconscientemente, assume a responsabilidade sobre a interatividade, esta que dá origem a uma nova condição para a recepção das obras, tornando-a menos distinta da fase de concepção. Com a aclamada interação, o escritor, ao operar o meio técnico, imprime sua personalidade, singularidade voluntária ou involuntariamente. Assim, não apenas controla, mas é também controlado pela técnica que domina, sendo moldado por meio de uma experiência que transforma sua percepção do real (PLAZA, 1990). Vejamos de que forma esta alteração de percepção do universo literário é interpretada pelos escritores-blogueiros.

3.1 Motivações para a criação dos blogs

Neste aspecto é conveniente tratarmos os enfoques de acordo com o tipo de escritor. Em primeiro lugar, no que diz respeito às motivações para a criação de um blog literário, no caso dos sujeitos que já têm livro publicado (Tipo 1), os sujeitos podem ser divididas em dois tipos: aquelas que se apresentam entre os escritores que primeiro publicaram um livro impresso e posteriormente criaram seu endereço na rede (três dos sete colaboradores); e aquelas apresentadas pelos sujeitos que primeiro criaram os seus blogs para depois – e talvez por influência deles – publicarem seus livros (os quatro restantes do Tipo 1).

Nesse caso, a ordem altera a motivação. Entre os três primeiros, estão bem claras três diferentes razões para a criação dos sites, razões estas que, após uma reflexão mais atenta, se complementam. Em primeiro lugar, e mais obviamente, o blog serviria como meio simples e barato de divulgação em escala global da obra já existente, justificativa essa que corrobora com a ideia já estabelecida de que a internet e a blogosfera contribuem para o campo literário principalmente por ser uma boa "vitrine". Em segundo lugar, pela identificação do caráter de rede social deste ambiente: ter um blog é uma conveniente oportunidade para entrar em contato com seus leitores já

estabelecidos, proporcionando ao novo escritor, assim, a encantadora chance de sair da "torre de marfim" na qual, mesmo que involuntariamente, os leitores imaginam seus autores favoritos, retirando estes artistas de um lugar inalcançável cujo relance só é possível pela leitura de seu livro. Por fim, e curiosamente, surge também a influência da internet enquanto mídia em voga para a criação dos espaços literários virtuais. Assim, a presença na blogosfera seria uma primeira maneira de o novo escritor não "ficar de fora" de todo o avanço comunicacional que se experimenta, o que torna o blog um meio eficaz de evitar o alheamento tecnológico para o campo literário.

Já no caso dos quatro escritores que publicaram em papel apenas depois de terem criado seus espaços na grande rede, a internet serviria, num primeiro momento, como bom espaço para ir divulgar aquilo que já vinham escrevendo, de modo a viabilizar o desejo imediato que todo escritor tem de ser lido. Por outro lado, e evidenciando talvez certo nível de alheamento (evitado pelos três escritores já citados), verificamos que a motivação também vem de fora. Pessoas amigas ou familiares que já conheciam a escrita destes iniciantes sugeriram que fizessem um blog, tanto para que mais pessoas pudessem lê-los, quanto para que eles se inserissem nas práticas de publicação atuais. Além disso, estar na rede serviria também como chance de passar do amadorismo ao profissionalismo, uma vez que o contato com outros escritores, tanto amadores como também já consagrados, é facilitado com as ferramentas proporcionadas em rede. O que fica mais ou menos nítido, de um jeito ou de outro, é que, no caso dos colaboradores do Tipo 1 que tiveram seus livros publicados depois da criação dos blogs, as publicações impressas decorrem como uma quase consequência da publicação virtual. Isso não configura uma regra, mas não podemos negar que, por esta ordem dos acontecimentos, os sites tenham influência, senão fundamental, ao menos significativa no nascimento da obra impressa.

Entre os escritores que ainda não publicaram em papel, as motivações variam um pouco mais. No Tipo 2, verificamos a criação do blog com aquele intuito mais globalmente recorrente de se valer da ferramenta: "A motivação primeira foi para mim a mesma de um diário" (Pedro Lobato, Tipo 2). Nesse caso, o site serviria como um bom organizador de ideias, dando fomento a construção de uma obra mais sólida ou, ao menos, mais recorrente – aqui vemos incutido o fator produtividade apontado anteriormente –, uma vez que não se pode negar ao blog o caráter de um tipo de publicação, ainda que pouco privilegiada. Se estão publicados, podem ser lidos. Dessa

relação surge o interesse em saber se o que o escritor iniciante escreve merece realmente atrair leitores, dando aos blogs um caráter experimental de captura de interesses.

Foi quase inevitável deduzir que, mesmo antes dos blogs, os colaboradores do Tipo 2 já apresentavam uma produção literária, ainda que escassa. Recorrer à ferramenta também figura como meio de estimular a produção. Enquanto esperam a oportunidade da publicação impressa ser possível, esses escritores têm em suas postagens o modo de treinar e aprimorar a sua técnica de escrita. A observância de um campo de aperfeiçoamento atrai o escritor amador que, por consequência, acaba se valendo da grande rede para arquivar com praticidade e acessibilidade os seus escritos. Novamente vemos que o blog também consiste numa "gaveta eletrônica" segura para guardar as ideias que surgem à mercê da inspiração, o que contradiz a afirmação de que o papel é mais confiável, ao menos no que diz respeito ao modo de armazenagem.

3.2 A metodologia para as postagens

Aos catorze escritores foi perguntado se possuem algum critério para as postagens que fazem em seus blogs e se estariam satisfeitos com a frequência com que publicam. A esta relação de organização é que nos referimos quando adotamos o termo "metodologia".

Quanto às postagens, observamos que, principalmente no caso dos escritores do Tipo 2, os sujeitos não se preocupam em estabelecer rigorosamente uma periodicidade. O critério – se assim pudermos chamá-lo – mais recorrente, e aparentemente o mais confiável, é o da *inspiração*. Optando muitas vezes por "não elaborar demais", eles vão postando à medida que os textos vão surgindo, o que acontece com mais frequência para uns que para outros. "Não tenho frequência, nem sigo critério algum! Não escrevo por obrigação. A escrita, pra mim, sempre foi hobby, algo que me ajudava a 'desabafar', fugir do mundo ou criar um outro, completamente diferente" (Fernanda Brandão, Tipo 2).

Dessa forma, não há uma padronização aparente, mesmo porque não só da inspiração dependem as postagens, como também de variados outros fatores, como o acesso à internet, o tempo, o estado de espírito e mesmo a autocrítica em relação aos textos. Neste último caso, eles optam por divulgar seus escritos com base em um critério de ponderação bastante curioso: "E o critério para a postagem é meio confuso, se baseia no que considero 'nem tão ruim' ou 'não tão bom' para o blog" (Daniel Lima, Tipo 2). Isto é, procuram não postar textos que considerem ser muito ruins a ponto de merecer

serem deletados, nem postar textos muito bons que deem base para obras "mais sérias", por assim dizer.

Neste aspecto vemos uma aproximação entre os escritores do Tipo 2 e do Tipo 1, pois estes últimos demonstram uma maturidade relativamente maior, não no quesito frequência, mas na escolha do que publicam. Ressaltam que é importante não procurar postar em demasia, uma vez que a quantidade compromete a qualidade (lado nocivo da internet apontado pelos sujeitos quando tratamos de sua postura enquanto somente *escritores*). Assim, percebemos um maior compromisso com os escritos, que deveriam ser divulgados somente quando merecerem ser lidos (o que depende, é claro, do critério da autocrítica), tentando deixar de lado a ansiedade inerente aos estreantes de mostrar sua produção logo que a julguem concluída.

Apesar de tantas ressalvas, nenhum dos entrevistados se disse categoricamente insatisfeito com a atualização de seus blogs. Isso porque, mesmo com todo o compromisso com o texto porventura apresentado, a ideia de uma obrigatoriedade em postar com predeterminada frequência parece prejudicial ao processo criativo. "Postar mais frequentemente significaria produzir mais textos e acho que qualquer autor se sentiria honrado em poder produzir mais e ainda assim preservar na sua criação uma aura de espontaneidade" (Cláudia Alexandre, Tipo 2).

Além da inspiração, outro estímulo à recorrência das postagens parece ser a resposta dos leitores, que podem cobrar do *escritor-blogueiro* uma atualização ao identificarem a ausência de texto novo depois de algum tempo. Além do que, a audiência também cumpre papel importante para outro tipo de ponderação nas postagens, a saber, levar em conta a disponibilidade dos leitores para não se postar demais, e lembrar sempre da possibilidade de se cair no esquecimento para não se postar de menos.

Ao que parece, a importância da recepção para a formação de novos significados é percebida pelos novos escritores. A interatividade, reforce-se, é o que constrói o mencionado "lei(a)tor": "Para além da ilusão, a possível simulação mimética do sujeito humano, o 'outro', numa situação interativa, é sempre um horizonte, uma referência; não uma presença suscetível de ser duplicada e idêntica" (PLAZA, 1990, p. 24).

Outro motivo também apontado como provocador da aparente irregularidade admitida e apreciada pelos colaboradores é o fato de que não se pode ter no blog literário o único meio de publicação virtual e de divulgação. Logo, a busca por outras

formas de se mostrar na internet (revistas eletrônicas, blogs coletivos, comunidades de escritores, etc.) toma tempo e requer dedicação dos interessados.

3.3 Quanto ao valor da Interação

A interatividade na blogosfera seria, pois, um processo que tenta modificar a realidade natural (o que existe) e a realidade artificial (o que inventamos) em realidades virtuais por meio de simulação. Ou seja, a interatividade virtual não passa de uma simulação de interação, com a qual o diálogo entre identidades diversas é viabilizado (PLAZA, 1990).

Os colaboradores, que, apesar de terem sido perguntados somente a respeito do peso dos comentários sobre suas atitudes no blog, nos revelaram outros meios de interatividade que consideraram determinantes para o processo de autodivulgação procurado com a utilização dos sites.

Em relação aos comentários de forma restrita, há uma divisão de opiniões quanto à natureza destes. De um modo geral, constatamos que a maioria das intervenções de leitores sobre os textos nos blogs dos nossos colaboradores se trata de "elogios", "palavras de apoio", "demonstração de carinho". Se, por um lado, este aspecto é recebido com simpatia e satisfação, principalmente entre os escritores-blogueiros do Tipo 2, do outro lado estão aqueles que se incomodam com o fato de o comentário, na maioria das vezes, não trazer reflexão, nem crítica, ou qualidade avaliativa nas intervenções dos leitores, levando-se em conta que já fomos lembrados de que uma das supostas vantagens dos blogs seria justamente a promoção da discussão sobre Literatura enquanto campo do conhecimento. Isso porque, em ambas as situações, é apontado que a grande parte dos comentários recebidos vem de pessoas já conhecidas, decorrendo de laços já estabelecidos, seja na vida real, seja em esfera virtual. A não obrigatoriedade do comentário, então, toma lugar importante na manutenção dos laços e na criação de novos vínculos, uma vez que a espontaneidade é recebida com mais simpatia do que quando se percebe um comentário convencional ou mesmo um pedido indireto de "visite meu blog também". Quando essa desobrigação acaba, ocorre o afastamento.

A atmosfera de rede social proporcionada pela blogosfera torna, principalmente entre os colaboradores do Tipo 2, o comentário uma atitude não obrigatória que, por se dar em grande parte entre os sujeitos que já estabeleceram algum tipo de relação, serve muito mais para uma reiteração daquele laço.

Também vale ressaltar que a interação obtida através dos blogs passa para além da tela do computador. A reação não anunciada acontece, através do fato de, por acidente, descobrir-se lido por pessoas que talvez façam parte de um círculo de convivência físico, real. Esta descoberta serve como indicativo para uma noção do alcance atingido por determinado texto, ou pelo blog de maneira geral. Um fato é visível nessa esfera, pois os escritores-blogueiros estão plenamente cientes de que o número de acessos que seus blogs têm é consideravelmente maior do que a quantidade de comentários. Isso provoca certo fascínio, ao contrário do que se poderia imaginar, uma vez que evidencia a realização de uma das vontades esboçadas pelos escritores ao se lançarem no mundo virtual: alcançar o leitor remoto.

Portanto, a interação serve como meio interessante de aferir o alcance do escritor-blogueiro e, a partir daí, poder-se talvez adequar, ou pelo menos direcionar, sua trajetória de postagens de acordo com a resposta obtida, caráter este que corrobora com os postulados da Estética da Recepção citada por Plaza (1990) quanto à construção e reconstrução de significados para as obras, a partir da reação dos leitores. Com a ressalva de, aparentemente, só estar expressa em rede a boa reação. Assim, seria o caso de apontar como desvantagem a natureza sempre elogiosa das interações, uma vez que isto pode dar a ilusão de uma qualidade que talvez nem todo escritor presente na blogosfera consiga atingir. Como não nos propomos, com este estudo, a aferir qualidade literária à produção dos escritores-blogueiros, sugerimos que esta discussão seja desenvolvida em pesquisas posteriores.

Contudo, uma relativização é necessária: "Não. Quase não publico e faço pouca propaganda, sou um péssimo marqueteiro. Sem comentários, sem peso" (Joedson Adriano, Tipo 1). Com esta resposta direta também se conclui que, apesar de tudo, a interação, forçada ou espontânea, ainda é o que determina o sucesso da autodivulgação pretendida com os blogs. Quando a interação fracassa, a divulgação não consegue ir muito longe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a visibilidade que os escritores-blogueiros julgam ter alcançado, desde que iniciaram sua trajetória virtual na blogosfera, sugere uma observação importante. Se o intuito ao fazer uso desta ferramenta é a autodivulgação, seria ingênuo pensar que não se deseja algum reconhecimento a partir desta atitude. Mas o que o escritor-blogueiro considera, de fato, como reconhecimento? Há entre os

colaboradores a sensação de que o caráter de rede social da blogosfera não torna conveniente uma definição para reconhecimento, por conta da observação do "comentário forçado" mencionado anteriormente quando tratamos do fator *interação*.

Em total oposição, verificamos a sensação de que reconhecimento significa comentário, o que faz com que os escritores-blogueiros que se consideram bem comentados – identificando nas postagens recorrentes um "público fiel" – julguem sim ter alcançado um nível de reconhecimento razoável e, por consequência, acreditam que o blog possa ter ajudado na divulgação de seu trabalho.

Ainda como consequência da identificação de comentário enquanto forma de reconhecimento, o fato de agradar a desconhecidos físicos também está presente nas respostas. O que talvez seja resultado direto da constatação anteriormente feita sobre o caráter sempre elogioso das intervenções. No mais, ter observado a incorporação de seu conteúdo em outros ambientes sociais virtuais também é causa de orgulho, uma vez que esta atitude do leitor prova sua identificação com o escritor-blogueiro. Isso, claro, para aqueles casos em que a sociabilidade da blogosfera é fator relevante para a identificação de reconhecimento. Nesses casos, ainda, temos que o estabelecimento de novos laços dá aos escritores-blogueiros razões para acreditarem que se inserem num "real" processo produtivo.

Especificamente no universo dos colaboradores do Tipo 1, a presença do livro impresso já publicado altera a definição de reconhecimento. Se, para uns deles, o próprio livro já configura uma forma de realização e identificação enquanto sujeito participante do processo produtivo literário real – principalmente nos casos de blogueiros que publicaram em papel depois da criação dos sites, e pelos sites serem a única forma de divulgação da qual fazem uso. Por outro lado, há os casos em que o reconhecimento não é identificado através do blog, a partir da ideia de que é o livro que conduz o leitor ao site, sendo a página virtual como mais uma extensão midiática da publicação impressa (isso nos casos dos escritores que já haviam publicado em papel antes de criarem suas páginas na internet), sendo o blog apenas um meio de consolidar o sucesso do livro a partir da interação proporcionada entre escritor e leitor.

Entre os sujeitos do Tipo 2, o reconhecimento é considerado de forma mais recorrente a partir de uma observância de popularidade. "Travei contato com alguns caras que admiro muito através do blog. Mas nada muito grande. Meu blog não está famoso ainda" (Pedro Lobato, Tipo 2). Talvez a sensação de fama venha também do eventual convite para publicação em outros meios virtuais. Fazer parte de uma revista

eletrônica ou de uma postagem coletiva, portanto, também estão entre as atitudes que denotam certo nível de influência conquistada através dos blogs.

A autoidentificação dos sujeitos como parte de um processo modificador do campo literário é imperativa para a sensação de exercerem peso nessa esfera. Eis a causa de dois dos entrevistados terem mencionado o fato de poderem fazer parte desta pesquisa também como uma forma de reconhecimento lisonjeiro do seu trabalho. Outros almejam tão somente o status de produzir literatura, em oposição à condição primária e insatisfatória de mero blogueiro literário. "Quero um reconhecimento por amor à literatura e nada mais!" (Jaqueline Costa, Tipo 2). Assim, a escrita e a leitura na blogosfera têm muito a nos revelar sobre o perfil desses novos sujeitos, artistas de um novo tempo.

REFERÊNCIAS

EL FAR, A. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MOISÉS, M. **A criação literária: Poesia**. 17 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MORICONI, I. Circuitos contemporâneos do literário. *In* **Centro de Estudos Virgínia Cortêz Lacerda – Gpesq/CNPq – Vida Literária**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Circuitos%20contemporaneos%20do%20literario%20(Italo%20Moriconi).doc> Acesso em abril de 2010.

PLAZA, J. Arte e Interatividade: Autor - Obra – Recepção. *In* **Ars – Revista do Depto. De Artes Plásticas – ECA/USP**. São Paulo, 1990. Disponível em <http://www.cap.eca.usp.br/ars2/arteeinteratividade.pdf> Acesso em outubro de 2010.

PRIMO, A. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. *In* **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, 2008, Nº 36.

SILVA, E. R. P. **Conhecimento e sociabilidade.com.br/ambientes mediáticos na supervia cibernética do tratamento informacional dos blogs brasileiros**, Tese de Doutorado: São Paulo: PUC-SP, 2010.

VIEGAS, A. C. Escritas *on-line*: novos modos de circulação da literatura contemporânea. *In* **Centro de Estudos Virgínia Cortêz Lacerda – Gpesq/CNPq – Vida Literária**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Textos%20Abralic%20(Ana%20%20Claudia).doc> Acesso em abril de 2010.